



SUMÁRIO

12670 - DIÁLOGO ENTRE HEIDEGGER E NIETZSCHE: NIILISMO

Samuel Carlos da Rosa de Oliveira¹, Jéferson Luís de Azeredo².....

12763 O SERTÃO E A LEI: AS FACES DA JUSTIÇA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Samuel Cardoso, André Cechinel¹

13235 REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO ESPAÇO ESCOLAR EM: “OS RIOS PROFUNDOS” E “O JOVEM TÖRLESS”

Diego Rodrigo Ferraz¹, André Cechinel².....

13335 - ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: MOHAMMAH GARDÓ BAQUAQUA

Naiara Beatriz de Souza da Silva¹, Gladir da Silva Cabral

14392 - A INTERFERÊNCIA DO DISCURSO NÃO VERBAL NA INTERPRETAÇÃO SOBRE CAPITU

Julia Cravo da Silva¹, Larissa Mezari Pacheco².....

Resumo de Pesquisa (concluído)

12670 - DIÁLOGO ENTRE HEIDEGGER E NIETZSCHE: NIILISMO

Samuel Carlos Da Rosa De Oliveira¹, Jéferson Luís de Azeredo²

¹Bacharel em Psicologia na Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

²Prefessor de Filosofia na Universidade do Extremos Sul Catarinense.

O Niilismo do latim nihil (nada), pensamento em relação a existência humana como desprovida de qualquer sentido. Um termo que afeta esferas contemporâneas como arte, literatura, ciência, teorias sociais, ética e moral. Ao que tudo indica, o primeiro filósofo a fazer uso do termo niilismo foi Fr. H. Jacobi, que caracterizou assim o idealismo alemão. Havendo várias formas de se pensar o niilismo, o chamado passivo, se dá com maior incidência com Nietzsche, que é aquele que diante da vida se percebe que o mundo está passando, que não existe uma perspectiva e que não há um prêmio a se alcançar. Para que buscar os bens? Para que buscar a justiça? Se comemos e bebemos e no final da vida seremos aniquilados. Se a vida não tem sentido para que a viver. Se “Deus não existe tudo é permitido”. Para Nietzsche, a negação niilista é algo muito mais complexo, sendo nem sempre ativo, positivo ou absoluto. Sendo assim, Nietzsche busca superar o niilismo moderno a partir de uma transvaloração de todos os valores, chegando ao niilismo completo. O niilismo completo, revela-se como niilismo ativo, que acelera o processo do crepúsculo dos ídolos, isto é, a transvaloração de todas as antigas convicções, o mundo supra-sensível, Deus, a lei moral, a autoridade da razão, a ideia de progresso, a cultura e a civilização perdem sua força construtiva e se anulam. Com isso, o niilismo não é, para Nietzsche, de maneira alguma um ponto de vista “defendido” por uma pessoa qualquer, nem tampouco um “dado” histórico arbitrário entre muitos outros, que se pode documentar historiograficamente. O niilismo é muito mais aquele acontecimento apropriativo de longa duração, no qual a verdade sobre o ente na totalidade é transformada essencialmente e é impelida para um fim por ela determinado. Já numa análise heideggeriana, niilismo traz a ideia de apreender o ente, já que na metafísica, não condiz com o ente na sua totalidade, ou seja, o ser do ente. Heidegger esclarece que o pensar deve ser voltado para a diferença ontológica entre o ser e o ente. Sendo assim, a carência de fundamentos seria uma das formas do niilismo se manifestar na relação entre o ente e o ser, não como um elemento de negação no sentido da racional, mas como um co-pertencente ao próprio ser na impossibilidade da razão conceber o nada através do pensar metafísico. Assim, o niilismo para Heidegger se passa no momento em que se estabelece o ente no próprio abandono do ser. Neste sentido, Heidegger propõe uma saída para o abismo em que, a verdade sobre o ente é transformada. Assim, seu pensar se volta na diferença ontológica entre o ser e o ente, não estabelecendo uma saída para o niilismo, mas uma alternativa de superação através da arte.

Palavras-chave: niilismo, Nietzsche, Heidegger, Nada.

Fonte financiadora: Programa de Iniciação Científica do Artigo 170 da Constituição Estadual PIC 170.



Resumo de Pesquisa (concluído)

12763 O SERTÃO E A LEI: AS FACES DA JUSTIÇA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Samuel Cardoso; André Cechinel¹

¹Grupo de Pesquisa Littera, Curso de Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC - Grupo de Pesquisa Littera, Mestrado em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC

A presente investigação trata da questão da justiça no romance Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, tendo como foco a perspectiva da dupla estrutura narrativa da obra, tese levantada pela primeira vez por Manuel Cavalcanti Proença (apud Garbúglio, 1972), em seu ensaio Trilhas do Grande Sertão. O artigo pretende investigar a forma como os personagens centrais da narrativa parecem personificar formas distintas de justiça. Para isso, a pesquisa contrapõe artigos de estudiosos da literatura rosiana e estudos que exploram a figura do jagunço na literatura brasileira. Contudo, a principal base para a pesquisa é o próprio romance de Guimarães Rosa, por meio da análise de seus principais personagens, da complexidade de suas ações e das dúvidas de seu protagonista. Para atingir os objetivos, o artigo se concentra na teoria da dupla estrutura narrativa de Cavalcanti Proença, a fim de demonstrar que a justiça, no romance, surge em dois planos: um real e mais concreto, que ilustra toda a complexidade das relações humanas, e um simbólico e mais difuso, que representa o próprio conflito humano em busca do significado da vida. Os resultados da pesquisa sugerem, inicialmente, que o próprio jagunço de Guimarães Rosa se afasta do estereótipo de bandido armado. Tendo como base a definição de Giorgio Agamben (2007) de vida nua, o artigo entende o jagunço de Guimarães Rosa como um indivíduo que vive à margem da própria existência e do qual foi roubado qualquer vestígio de identidade, um ser apagado. O próprio personagem-narrador se apresenta como um homem perdido, que precisa encontrar um caminho justo em meio à imensidão e à violência do sertão. Os resultados da pesquisa indicam, também, que a bipolaridade da estrutura narrativa do romance parece criar dois pólos distintos de personagens: inicialmente, chefes jagunços como Joca Ramiro e Zé Bebelo parecem incorporar toda a complexidade da justiça humana (a justiça da antiga república e do poder dos coronéis, no primeiro caso, a justiça da nova república que tenta dominar o sertão, no segundo caso), ao passo que personagens como Medeiros Vaz parecem incorporar uma forma mais impessoal e mais elementar de justiça. A mesma divisão pode ser atribuída aos dois comparsas assassinos da história: um (Ricardão) cometia seus crimes porque queria ser rico, enquanto o outro (Hermógenes) aparece como um assassino frio que matava e torturava por simples prazer. Diadorim, companheiro de viagem e melhor amigo do personagem-narrador, surge como um ser mágico, telúrico, a própria representação da terra áspera e bela do sertão mineiro. É possível concluir, com base na pesquisa aqui aplicada, que a justiça, na obra prima de Guimarães Rosa, obedece ao padrão bipolar da narrativa proposto por Cavalcanti Proença, criando uma espécie de cisão no enredo, dividindo os personagens, o cenário e os acontecimentos em dois polos distintos, como também concluiu Antonio Candido (2002), em seu ensaio O homem dos avessos.

Palavras-chave: justiça, sertão, jagunço, narrativa



Fonte financiadora: PIBIC/CNPq

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: _____ Tese e antítese. 4. ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2002, p. 121-139.

GARBUBLIO, José. O mundo movente de Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1972, 138p.



Resumo de Pesquisa (concluído)

13235 REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO ESPAÇO ESCOLAR EM: “OS RIOS PROFUNDOS” E “O JOVEM TÖRLESS”

Diego Rodrigo Ferraz¹, André Cechinel²

¹Grupo de pesquisa LITTERA - Correlações entre cultura, processamento e ensino: a linguagem em foco, PIBIC, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

²PPGE, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

Este trabalho se propõe a investigar os espaços escolares por meio de suas representações literárias nos textos: Os rios profundos, de José María Arguedas, e O jovem Törless, de Robert Musil. Para isso, fundamentar-se-á, além das representações apresentadas pelos textos literários, em teóricos como: Foucault (2013), Bourdieu (2007) e Mazzari (1997), objetivando investigar espaços de violência presentes dentro da escola que lhe escapam o domínio, mas, ao mesmo tempo, afirmam os discursos presentes nela. Torna-se importante observar esses espaços para diagnosticar se a escola participa ou não dos atos violentos ocorridos, e também compreender o porquê de um local que se propõe a realizar uma vigilância permanente deixa escapar à sua visão uma violência que lhe parece ser intrínseca. Para realizar a pesquisa, utilizou-se método bibliográfico/qualitativo, iniciando-se com a leitura de textos literários em que o espaço escolar estivesse representado. Posteriormente, foram lidos textos de suporte teórico para melhor compreensão: artigos e livros a respeito da representação literária da escola e do conceito de bildungsroman (“romance de formação”), que diz respeito ao principal gênero lido para realizar este trabalho. Ao ler os textos literários, foi observado um espaço não acessado pela escola. No romance os rios profundos, esse espaço é o “campo de jogo”, um local de violência contra “os chilenos” por parte dos “peruanos”, respaldado pelos discursos do diretor do colégio. Em o jovem Törless, o espaço é um “quartinho vermelho” no sótão, local onde também ocorrem violências sexuais, físicas e psicológicas. Apesar de ambos os espaços estarem dentro da escola, nada é visto e nem feito, somente quando a situação é denunciada e coloca em risco a imagem da instituição é que providências são tomadas, quase sempre ocasionando prejuízo para os desfavorecidos da história. Todavia, o que é observável nesses espaços é que neles se reproduzem os discursos da escola, portanto, o poder da instituição não é comprometido nem sua imagem. Se, por um lado, tais espaços não são acessados diretamente pela instituição, por outro, através do “habitus” e de um “poder simbólico” (BOURDIEU, 2007), as práticas que ocorrem nesses reafirmam estruturas da sociedade vigente. Diante do apresentado, observa-se que a ideia de uma vigilância ininterrupta é falha, pois existem espaços na escola em que a instituição não acessa diretamente, tampouco consegue vigiá-los. Contudo, a abertura desses espaços não prejudica nem os discursos escolares, nem os vigentes na sociedade. O que, a princípio, parece estranho. Ao invés da invisibilidade dos locais (o “campo de jogo” e o “quartinho vermelho”) proporcionarem linhas de fuga, na verdade, eles reafirmam o que já está posto. Isso pode ser compreendido ao pensar que: quando o poder disciplinar e a vigilância falham, entra em exercício o “habitus” e o “poder simbólico” como trazidos por Bourdieu.

Palavras-chave: Literatura, espaço escolar, habitus, poder disciplinar.

Fonte financiadora: PIBIC/UNESC.



Referências:

ARGUEDAS, José María. Os rios profundos. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das letras, 2005. 316 p.

_____. Os rios profundos. Tradução de Gloria Rodríguez. São Paulo: Círculo do livro, [19--]. 246 p.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 311 p.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 291 p.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n. 31, p.223-247, set. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000300014>. Acesso em: 11 jan. 2016.

MUSIL, Robert. O Jovem Törless. Rio de Janeiro: Rio gráfica, 1986. 198 p.

Resumo de Pesquisa (concluído)

13335 - ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: MOHAMMAH GARDO BAQUAQUA

Naiara Beatriz de Souza da Silva¹, Gladir da Silva Cabral

¹Grupo de pesquisa LITTERA - Correlações entre cultura, processamento e ensino: a linguagem em foco, PIBIC, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

O trabalho tem como tema “A construção da identidade pela escrita de si: a narrativa de Mohammah Gardo Baquaqua (1854)” e baseia-se no documento que narra sua escravidão, seus sofrimentos, a fuga e a esperança de retornar à terra natal. Neste trabalho analisa-se essa autobiografia para entender como ocorre a construção da identidade por meio do seu processo. Baquaqua, africano nascido livre, ainda quando adolescente foi trazido ao Brasil em um navio negreiro, onde foi escravo por dois anos em Pernambuco. Posteriormente, foi vendido ao capitão de um navio. Viajou pelo litoral brasileiro, chegando a Nova Iorque, onde fugiu do navio. Com apoio dos abolicionistas americanos, acaba refugiando-se no Haiti, onde converte-se ao cristianismo, indo parar no Canadá, local em que narra sua autobiografia. Este trabalho parte do pressuposto de que a identidade é construída a partir da diferença, portanto da alteridade. Com base nos estudos culturais, entende-se que a identidade é fabricada por meio da linguagem, pela narrativa de si. Além disso, a identidade é construída em meio a muitas tensões sociais, muitas diferenças de posição e poder. Enfim, a identidade é acima de tudo performance de si, construção de um personagem, contendo portanto uma certa dose de representação (HALL, 2014). Os passos metodológicos desta pesquisa qualitativa, que tem características essencialmente bibliográficas, incluíram primeiramente a leitura e o estudo da obra original (em língua inglesa, visto que a tradução para o português ainda não saiu), a biografia de Mohammah Gardo Baquaqua. Essa leitura nos permitiu compreender como a narrativa funciona como instrumento de construção identitária. Posteriormente, com base em alguns estudiosos da autobiografia, entre os quais Philippe Lejeune e Jerome Bruner, bem como nos estudos culturais, principalmente levando-se em conta a obra de Stuart Hall, além das contribuições de Carlos Rodrigues Brandão e Kabengele Munanga, analisa-se como se deu a construção identitária de Baquaqua por meio da escrita autobiográfica. Como se trata de uma narrativa de escravos, a única escrita por um escravo que passou pelo Brasil, tivemos de contextualizar nosso estudo com o campo dos estudos das narrativas abolicionistas norte-americanas do século XIX, buscando assim características comuns e também peculiaridades no texto selecionado para análise. Também utilizaram-se os estudos de Paul Lovejoy, Marcelo Campos e Mirna Galesco. Durante o século XIX e início do século XX, foram publicadas milhares de narrativas de escravos e afrodescendentes fugitivos. Certamente, esses documentos foram usados para fins práticos, como bandeira do abolicionismo e como uma forma de resistência ao sistema escravagista. Contudo, há nos textos uma qualidade literária incontestável, que se constituem documentos históricos de grande importância e uma fonte rica sobre os processos de construção do eu, sobre os movimentos complexos envolvidos na escrita de si. Não por acaso, a maioria das narrativas de escravos é cheia de descrições vívidas do sofrimento humano pelos quais passaram, as agressões, as torturas, as privações, a fome, o frio, a tortura psicológica nas mãos de proprietários completamente bestializados por um sistema econômico e social marcadamente



desumano e desumanizador. Nesse sentido, deve-se levar em conta que o objetivo primeiro do texto de Baquaqua era convencer as pessoas religiosas de que a escravidão era algo imoral e religiosamente inaceitável, levando-se em conta os princípios de fraternidade e compaixão implícitos na mensagem cristã. O texto também quer mostrar seu drama de conversão, da religião islâmica para o protestantismo cristão norte-americano. A linha central da narrativa é o desejo explícito de Baquaqua de tornar-se um missionário e retornar para evangelizar os povos da África, intento do qual não sabemos o resultado final, pois a narrativa acaba antes dessa viagem e não restou nenhum documento que comprove que ele de fato tenha se tornado um missionário e ido para a África. De qualquer maneira, os objetivos religiosos e o compromisso abolicionista atravessam a obra e a determinam. Outra questão que torna complexa a análise do texto, é a participação de um coautor, o senhor Samuel Moore, que transcreve e revisa todo o material. Desde o começo de nossa análise, percebemos que não se trata de uma voz autoral totalmente autônoma, mas de uma mescla de pelo menos duas vozes, a do Baquaqua (narrador) e do Moore (escritor). Certamente, Moore não apenas transcreve o texto, dadas as dificuldades de Baquaqua com a língua inglesa, mas certamente faz a escolha das palavras e seleciona o relato. Entretanto, há certos momentos do texto em que a voz do ex-escravo soa intensamente, como nos casos das memórias da vida na África, todos os detalhes geográficos e culturais da vida na África bem como a comparação com a vida na América. A narrativa de Baquaqua começa com uma descrição detalhada sobre a vida cotidiana entre seu povo na África, na cidade de Tzogo (os seis primeiros capítulos). Ele fala da cultura local, da vida familiar, do trabalho cotidiano, da sua experiência religiosa de formação islâmica, fala dos sacerdotes locais, dos rituais, das leis e costumes, da agricultura, das artes, da paisagem que cercava aquele lugar. E ele ainda faz comparações com a cultura ocidental, quando fala por exemplo do respeito pelos mais velhos na sua comunidade, o trato respeitoso entre as pessoas, a hospitalidade africana, coisas que superam a realidade americana. Ao longo da narrativa de Baquaqua vai-se se construindo uma identidade fluida, pois após sua captura e travessia, ele vai adaptando-se às novas que a vida de escravo traz. Recebe nome brasileiro, aprende a língua portuguesa, conhece a religião católica, é afastado das raízes islâmicas. Toda violência que sofre na carne afeta sua identidade, que de homem livre passa a de escravo, marinheiro, escravo foragido, um marginal a mendigar nas ruas do Haiti, um cristão protestante convertido, um estudante nos Estados Unidos, alguém que aspira se tornar missionário. Curiosamente, na ida para os Estados Unidos e na sua estada no Canadá, assume de novo o nome islâmico, Mohammah, que alguns estudiosos interpretam como sinal de resistência e retorno às origens familiares e africanas.

Palavras-chave: Literatura, Autobiografia, Identidade, Escrita de si.

Fonte financiadora: PIBIC/UNESC.

Referências:

BAQUAQUA, Mohammed Gardo; MOORE, Samuel. Biography of Mohammed Gardo Baquaqua: a native of Zoogoo, in the interior of Africa. Detroit: Geo. E. Pomeroy & Co., 1854.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 58 p.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. Revista Afro-Ásia, n. 27, p. 9-39, 2002.



MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. 93 p.



Resumo de Pesquisa (concluído)

14392 - A INTERFERÊNCIA DO DISCURSO NÃO VERBAL NA INTERPRETAÇÃO SOBRE CAPITU

Julia Cravo da Silva¹, Larissa Mezari Pacheco²

¹Grupo de pesquisa Littera, Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

²Grupo de pesquisa Littera, Curso de Letras, Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

Em Dom Casmurro, a personagem Capitolina é descrita como um enigma, entretanto, ao analisar diversas capas de diferentes edições, percebe-se que as descrições do autor nem sempre convergem com a estética apresentada por elas, visto que algumas dessas acabam por ser tendenciosas e podem induzir (ou não) a uma interpretação sobre o julgamento da personagem principal. Entre o texto não verbal, representado pela imagem das capas, e o discurso verbal de Machado de Assis, há uma relação que pode influenciar diretamente o horizonte de expectativas do leitor, conceito trazido por Jaus (1994) e Regina Zilberman (2008). Para entender melhor esse diálogo entre imagem e texto verbal, usamos como apoio o conceito de texto imagético, de Benites (2010). Diante disso, os objetivos propostos neste estudo foram respectivamente analisar e problematizar algumas capas de diferentes edições de Dom Casmurro, e, nelas, observar as diferentes representações da personagem “Capitu”, levantando debate sobre como as estéticas das capas podem induzir (ou não) na interpretação sobre “Capitu”, questionando, ainda, o teor da representação da mulher. Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico e qualitativo. Por fim, ao longo do processo, percebeu-se que determinadas capas induzem a interpretação do leitor a pensar que Capitu traiu Bentinho, enquanto outras romantizam a figura desta, o que vai de encontro ao estilo crítico e realista do autor nesse contexto.

Palavras-chave: literatura brasileira, história, mulher, discurso imagético.

Fonte financiadora: UNESC.